

IMPERIALISMO TARDIO: uma proposta teórica incontornável

Júlio Cesar dos Santos Nogueira¹

RESUMO

Nosso objetivo com este trabalho é fazer um levantamento amplo acerca do que consideramos uma corrente dentro da teoria do imperialismo: a do imperialismo tardio. Assim, partimos dos antecedentes desta perspectiva até finalmente chegar nos autores do imperialismo tardio. Procuramos investigar quais as propostas analíticas destes autores e como cada um inova nas formas de apreender o movimento do capital. Argumentaremos no sentido de que os teóricos do imperialismo tardio conseguem avançar categorias centrais e propor um debate qualificado acerca do capitalismo contemporâneo. Para além disso, mostraremos como eles procuram exorcizar as perspectivas teóricas que, por sua influência eclética e análise rasa e insuficiente, dão um passo atrás e negam o imperialismo. Frente a isso, buscamos defender a tese do imperialismo tardio como uma das melhores perspectivas para se compreender o capitalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Capitalismo Contemporâneo; Imperialismo Tardio; Marxismo; Teoria.

LATE IMPERIALISM: an unavoidable theoretical proposal

Abstract:

Our goal with this paper is to conduct a broad survey of what we consider a current within the theory of imperialism: that of late imperialism. Thus, we begin with the antecedents of this perspective and finally arrive at the authors of late imperialism. We seek to investigate the analytical proposals of these authors and how each one innovates in the ways of understanding the movement of capital. We will argue that theorists of late imperialism manage to advance central categories and propose a qualified debate about contemporary capitalism. In addition, we will show how they seek to exorcise the theoretical perspectives that, due to their eclectic influence and shallow and insufficient analysis, take a step back and deny imperialism. In view of this, we seek to defend the thesis of late imperialism as one of the best perspectives for understanding contemporary capitalism.

Keywords: Contemporary Capitalism; Late Imperialism; Marxism; Theory.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação de História da Universidade Federal Fluminense.

INTRODUÇÃO:

Nosso objetivo com este trabalho é fazer um levantamento amplo acerca do que consideramos uma corrente dentro da teoria do imperialismo: a do imperialismo tardio. Assim, partimos dos antecedentes desta perspectiva, iniciando nossa jornada pelas *leis gerais da acumulação capitalista* de Marx, passando pelo debate clássico do imperialismo no século XX e sobre o capital monopolista nos anos 1960, até finalmente chegar nos autores do imperialismo tardio.

Procuramos investigar quais as propostas analíticas destes autores e como cada um inova nas formas de apreender o movimento do capital. Essas formas são, por óbvio, imprecisas, mas entendemos que na análise científica, as primeiras aproximações com o objeto possuem sempre tonalidades de falsidade. Apesar disso, argumentaremos no sentido de que os teóricos do imperialismo tardio conseguem avançar categorias centrais e propor um debate qualificado acerca do capitalismo contemporâneo. Para além disso, mostraremos como eles procuram exorcizar as perspectivas teóricas que, por sua influência eclética e análise rasa e insuficiente, dão um passo atrás e negam o imperialismo. Frente a isso, buscamos defender a tese do imperialismo tardio como uma das melhores perspectivas para se compreender o capitalismo contemporâneo.

1 - ORIGENS E DESENVOLVIMENTO DO CAPITAL MONOPOLISTA

1.1 Antecedentes I: Marx – leis tendenciais do desenvolvimento da sociedade capitalista:

Em seu clássico livro *O Capital* Marx tem por objetivo desvelar as leis gerais do desenvolvimento da sociedade capitalista. O cientista alemão nos mostra como o modo de produção capitalista possui um caráter intrinsecamente expansivo em seu processo de reprodução através de três leis tendenciais², sendo elas: o aumento da composição orgânica do capital; a concentração do capital; e a centralização do capital. Tais leis serão a base da noção de “capital monopolista” dos autores associados à revista *Monthly Review* e, por conta disso, nos deteremos brevemente em sua explicitação.

Em primeiro lugar, Marx entende o capital como uma relação social em que o processo de valorização - produção de valor e mais-valor em escala ampliada -

² Para uma explicação sobre o que são leis tendenciais do capitalismo consultar Bonente (2016)

assume uma centralidade particular que não existia em outras formações econômico-sociais. Para sua efetivação, os capitalistas buscam adquirir a única mercadoria que possui a capacidade de gerar valor: a força de trabalho. No processo produtivo, os trabalhadores são capazes não só de repor o valor gasto nos meios de produção, mas também o valor necessário para a sua própria subsistência (salários) e ainda produzem um valor excedente, nomeado por Marx como *mais-valor*, que será apropriado e, por vezes, reinvestido pelos capitalistas³.

A tendência da sociedade capitalista é que a proporção do trabalho socialmente necessário para a reprodução do trabalhador diminua em relação a esse trabalho excedente. Isso porque quanto maior a taxa deste último, maior será a capacidade do capitalista de ampliar de forma mais intensa e rápida o processo de valorização do valor, fim último da relação social do capital. Para isso, os capitalistas lançam mão de mecanismos que permitem uma maior produção desse valor excedente. O primeiro listado por Marx é a extração através do *mais-valor absoluto*, que pode ser feito através do aumento da jornada de trabalho, do aumento da intensidade do trabalho ou da incorporação de mais trabalhadores ao processo produtivo⁴. O segundo mecanismo de extração é o *mais-valor relativo* e ocorre com “a cooperação entre trabalhadores e a apropriação das forças da natureza e da ciência pelo capital”⁵. Sendo assim, o revolucionamento nas condições de produção permite uma contração do tempo de trabalho socialmente necessário e a ampliação do mais-valor a uma escala sem precedentes.

É justamente no terreno da produção de mais-valor relativo que reside a primeira das três leis tendenciais do desenvolvimento da sociedade capitalista que listamos acima: o aumento da composição orgânica do capital. Sendo determinada pela “proporção entre, por um lado, a massa dos meios de produção utilizados e, por outro lado, o montante de trabalho exigido para seu emprego”⁶, esta lei está relacionada com o aumento do capital constante em relação ao capital variável no processo de produção. Isso quer dizer que uma mesma quantidade de força de trabalho consegue movimentar uma quantidade maior de meios de produção, potencializando a força produtiva.

³ Entendidos aqui como personificações de categorias econômicas, tal qual indicado por Marx no prefácio à primeira edição d’O Capital.

⁴ Côrrea (2012), p. 42

⁵ Côrrea (2012), p. 42

⁶ Marx (2013), p. 835

A segunda lei tendencial que listaremos aqui está relacionada propriamente à acumulação e reprodução ampliada do capital. Como dissemos anteriormente, a força de trabalho produz o mais-valor que será apropriado pelos capitalistas. Este pode se tornar fundo de consumo dos proprietários dos meios de produção, mas também pode ser reaplicado na compra de mais meios de produção (acrescentando o que já foi repostado pela força de trabalho no processo de produção), ampliando a escala de produção. A lei do aumento da *concentração do capital* diz respeito à crescente concentração de meios de produção e do comando sobre o trabalho nas mãos de capitalistas individuais⁷.

Temos por último a lei tendencial do aumento da *centralização do capital*. Relacionada à anterior, a centralização descreve mais propriamente o crescimento dos capitais individuais por aglutinação. Segundo o economista Anwar Shaikh, a concentração de capital leva a uma maior quantidade de meios de produção e de capacidade de trabalho disponíveis, porém por diferentes processos como “a divisão da propriedade entre membros da mesma família, o aparecimento de capitais novos que se separam de capitais antigos e o nascimento de novos capitais”, essa concentração da propriedade do capital pode se dar de forma *descentralizada*. A lei da centralização vem justamente para balancear esse processo. A concorrência e o crédito são utilizados como formas de juntar o capital em poucas mãos.

Essas três leis tendenciais descobertas por Marx ilustram o caráter intrinsecamente expansivo da acumulação capitalista. A noção de concentração e centralização de capital, além dos esquemas da reprodução ampliada, foram a base para as discussões clássicas acerca do imperialismo que se desenvolveram no início do século XX, a qual veremos a seguir.

1.2 Antecedentes II: Interpretações clássicas do imperialismo:

O contexto histórico do que ficou conhecido como o “debate clássico do imperialismo” corresponde à crise da década de 1870. Consideramos essa crise como uma *crise estrutural do capitalismo*⁸ em que o modelo de expansão capitalista utilizado até

⁷ Marx (2013)

⁸ Diferentemente de István Mészáros que interpreta a crise estrutural do capitalismo como um momento de disfunção prolongada e irreversível do capitalismo, temos uma noção de crise estrutural como um momento em que é posto em xeque as legalidades aparentes específicas que o capitalismo assume em determinado momento. Assim, a sua continuidade só será possível caso este sistema consiga se adaptar e

então se mostrava insuficiente para a continuidade da sua reprodução em escala ampliada. Essa reestruturação do capital está marcada por uma “conclusão” do estabelecimento de laços econômicos em todo o globo, como aponta Eric Hobsbawm em seu livro *A Era dos Impérios*.

Algumas características assumidas pelo capital nesse período de fins do século XIX são a intensificação dos processos coloniais em África e na Ásia (a busca por novas zonas de valorização), a dominação econômica dos recém independentes países latino-americanos e a centralidade do capital bancário no processo de centralização e concentração do capital. Esses processos gestam em uma disputa entre as nações imperialistas pela dominação econômica e a capacidade de ditar os principais rumos da acumulação capitalista que se desenrola posteriormente na Primeira Guerra Mundial.

A primeira obra a abordar o imperialismo de forma sistemática foi o livro *Imperialismo: um Estudo* (1902) do economista John Hobson. Hobson dará uma resolução social-reformista (nos termos de Lênin) ao problema. Isso porque ele via o Imperialismo não como um desdobramento do próprio capitalismo, mas como uma anomalia desse sistema. Logo, sua resolução não precisaria – e nem deveria – ser revolucionária. Apesar disso, as contribuições de John Hobson influenciaram no debate no interior do marxismo⁹.

Dentro do marxismo da Segunda Internacional, a primeira posição que temos é a do economista austríaco Rudolf Hilferding que em 1910 publica o livro *Capital Financeiro*. Para ele, a principal marca do capitalismo moderno seria a monopolização. Este processo marcaria um estreitamento das relações entre capital industrial e capital bancário, formando o que ele chama de "capital financeiro"¹⁰. Essa tendência do desenvolvimento capitalista, se mescladas com “interesses monopolistas”, limita a concorrência, fazendo com que o controle dos mercados ficasse concentrado na mão de poucas empresas¹¹. Essa ideia será apropriada por Lênin posteriormente, na sua síntese sobre o fenômeno do imperialismo.

superar as contradições criadas no momento precedente que gerou a crise. Não só a crise de 1870 pode ser considerada uma crise estrutural do capitalismo, mas também as crises dos anos 1960-70 e a de 2007-8. Para uma noção de crise estrutural acerca do capitalismo contemporâneo ver Carcanholo (2011)

⁹ Para uma avaliação do desenvolvimento da teoria do imperialismo indicamos: Corrêa (2012), Leite (2017), Mariutti (2013), Osório (2018), Furno (2022), Fernandes (1992) e Caputo & Pizarro (1974).

¹⁰ Hilferding (1985)

¹¹ Uma questão interessante é que Hilferding parece focar sua análise na forma específica que o desenvolvimento capitalista teve na região da Alemanha, e não um caso geral para uma forma histórica do

Apesar de Hilferding avançar em relação ao estudo feito por Hobson, suas posições ainda eram muito limitadas. Isso porque ele acreditava que o imperialismo seria uma *política do capital financeiro*, logo não necessário. Para além disso, o marxista austríaco acreditava que, dado o grau de monopólio da economia alemã, seria possível uma via para o socialismo “não-traumática” caso o partido socialdemocrata tomasse nas mãos os seis maiores bancos do país. Tal proposta acompanhava as posições reformistas que foram pautas dos debates da Segunda Internacional, principalmente ao redor da figura de Eduard Bernstein.

Karl Kautsky também entrou no debate sobre o imperialismo, ficando popularmente conhecido pela tese do “ultraimperialismo”. Essa ideia é um pouco controversa, visto que a tese de uma convivência pacífica entre os países imperialistas foi escrita pelo principal intelectual socialista daquele momento, no mesmo ano da eclosão da Primeira Guerra Mundial. O autor não desenvolveu uma vasta obra sobre o assunto do imperialismo, mas é possível observar quais eram suas ideias a partir de publicações na revista *Neue Zeit*. O autor também afirma que o imperialismo é uma política dos países capitalistas e não uma etapa do desenvolvimento capitalista¹². Lênin criticou fervorosamente Kautsky pelas suas interpretações errôneas do imperialismo.

Ainda nos debates que aconteceram dentro da Segunda Internacional, as posições mais avançadas, rigorosas e sofisticadas que temos sobre o fenômeno do imperialismo desse período são as de Rosa Luxemburgo e Lênin. Começando por Luxemburgo, a ela escreveu o famoso livro *A Acumulação do Capital* em 1913, tentando explicar o fenômeno do imperialismo. Ela é a única do debate clássico que se afasta das propostas de Hilferding, fazendo um esforço para derivar diretamente de Marx as suas conclusões. A marxista polaco-alemã parte de uma crítica aos esquemas de reprodução social feitas por Marx no segundo tomo de *O Capital*. Ao propor uma leitura crítica da obra marxiana, a autora sugere que o capitalismo vive de uma “crise de realização”, que faria com que o modo de produção expandisse seus mercados para áreas não-capitalistas¹³. A

capitalismo. Isso é importante pontuar pois, diferente da análise que Marx faz em *O Capital*, os teóricos clássicos do imperialismo se encontram em um nível muito mais concreto acerca da reprodução do capitalismo. Para uma apreciação mais detalhada sobre esse tema conferir Corrêa (2012)

¹² Houve tentativas de reedição da tese do ultraimperialismo a partir do final da década de 1990. Para uma síntese desse debate ver Leite (2014) e Leite (2017)

¹³ “[...] é preciso notar que, embora se encontre nessa “dialética entre o interno e o externo” a explicação de Luxemburgo para o imperialismo, não se deve confundir as “esferas externas” do mundo, isto é, não-capitalistas, com as regiões não-capitalistas do mundo. A partir desse ponto de vista, a produção capitalista requer sim o recurso a setores ou esferas não-capitalistas, mas muitas vezes é possível que isso

interpretação de Luxemburgo foi colocada entre as teses subconsumistas, pois o imperialismo estaria baseado na “ausência de demanda interna” do capitalismo.

A consequência direta dessa expansão pra regiões não-capitalistas é a ampliação da colonização do mundo. A possibilidade de sobrevivência do capital estaria atrelada à sua capacidade de incorporação dessas áreas externas. Por um lado, cada economia que se desenvolve passa a necessitar dessas zonas internas para sua reprodução em escala ampliada, por outro as regiões do mundo são limitadas. A rivalidade internacional residiria nesse processo de necessidade de expansão. Para Rosa Luxemburgo, esse processo de dominação dessas regiões e de destruição do que ela denominou “economia natural” se daria pela força. Assim, fenômenos como guerras, conquista territorial e submissão de povos estaria intimamente associada à própria lógica da acumulação de capital. O militarismo não seria só uma questão política que auxilia a expansão do capitalismo, ele também é uma forma de escoamento do capital que está improdutivo e, ao mesmo tempo, seu resultado – a guerra – cria também novas possibilidades de investimento e reestruturação de zonas destruídas. Os países capitalistas fariam a guerra para não entrarem em crise¹⁴.

Chegamos então à análise de Lênin. Seu livro *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*¹⁵ (referenciado a partir daqui só como *Imperialismo*) publicado em 1916¹⁶ foi de fato um divisor de águas das reflexões sobre o imperialismo, e uma síntese perfeita do que tinha se produzido até aquele momento. O objetivo de Lênin é

ocorra, não pela expansão sobre regiões inteiras ainda excluídas desse modo de produção, mas pela relação com “camadas sociais” não-capitalistas que podem existir mesmo dentro de países e regiões já dominadas pelo capital.” Corrêa (2012), p. 107

¹⁴ O tema do militarismo e da utilidade da guerra para a acumulação de capital voltará com as reflexões de Harry Magdoff sobre o imperialismo dos EUA.

¹⁵ Há uma controvérsia nas traduções se seria “estágio superior” ou “estágio final”. Essa questão não é meramente um problema semântico, mas tem implicação direta nas formas que o imperialismo será interpretado. No primeiro caso, o termo “superior” pode estar fazendo referência ao mais recente na época de Lênin, abrindo margem para que se possa superar a interpretação do imperialismo a partir da abertura de um novo momento dentro da historicidade do capitalismo. A segunda interpretação implica que o imperialismo é necessariamente o estágio final do capitalismo. Assim, estariam fechados outros momentos históricos posteriores ao imperialismo e estaríamos fadados a uma mesma legalidade até atingirmos outra formação econômico-social. Autores mais sofisticados que utilizam essa última interpretação, defendem uma historicidade no imperialismo, alterando certas legalidades, mas mantendo uma centralidade em certos elementos. Acreditamos que os autores do capital monopolista e do imperialismo tardio fazem parte dessa tradição.

¹⁶ É preciso pontuar que o *Imperialismo* de Lênin não foi pensado para ser um livro científico com uma análise rigorosa sobre o tema, mas sim para ser um panfleto que organizasse a classe trabalhadora russa e mundial para a revolução. Apesar da falta de pretensão, entendemos que a análise de Lênin possui muito mais rigor do que outros autores desse debate clássico (e alguns mais contemporâneos também), mas devemos pontuar que esta brochura responde aos anseios, problemas e possibilidades de uma dada época histórica.

compreender o estágio do capitalismo (em sua percepção em decomposição) no início do século XX.

Segundo o bolchevique, “Se fosse necessário dar uma definição, a mais breve possível do imperialismo, dever-se-ia dizer que o imperialismo é *a fase monopolista do capitalismo* [grifos nossos]”¹⁷. Porém, ele reconhece que essa noção é insuficiente. Por conta disso, ele estabelece cinco traços fundamentais que definiriam o imperialismo em sua concepção. Seriam estes traços: 1) a concentração da produção e do capital levada a um grau tão elevado de desenvolvimento que criou os monopólios, os quais passam a desempenhar um papel decisivo na vida econômica; 2) a fusão do capital bancário com o capital industrial, e a criação, baseada nesse capital financeiro, da oligarquia financeira; 3) a exportação de capitais, diferentemente da exportação de mercadorias, adquire uma importância especialmente grande; 4) a formação de associações internacionais monopolistas de capitalistas, que partilham o mundo entre si; 5) o termo da partilha territorial do mundo entre as potências capitalistas mais importantes.

Lênin retoma os argumentos e categorias de Hilferding para estruturar sua noção de imperialismo. Além disso, fica evidente que ele entende o imperialismo enquanto um processo intrínseco ao capitalismo, e não uma política tocada por certo capitalismo ou país capitalista. Aqui reside um dos vários avanços que o comunista russo propõe em relação à análise de Hilferding e Hobson. Um outro ponto importante é como ele enxerga a centralidade da exportação de capital para aquele momento do capitalismo. Este processo tinha como objetivo tanto a circulação de capital a nível internacional, quanto a exportação das relações capitalistas de produção¹⁸.

Outro aspecto que devemos acentuar é a arguta percepção de Lênin sobre as causas da guerra inter-imperialista. Neste momento, a Europa já estava destruída pela Primeira Guerra Mundial e as teses do ultraimperialismo de Kautsky já tinham se provado errôneas. A guerra, enquanto fenômeno mais aparente, se coloca como o processo a ser compreendido. Porém, Lênin mira no fenômeno político da guerra interimperialista entre nações, para desvelar o ocultamento da questão de classe que está por detrás do

¹⁷ Lênin (2011), p. 217

¹⁸ Leite & Corrêa (2023) fazem uma excelente apreciação sobre o tema da exportação de capital em Lênin. A leitura proposta por eles é de que este tema, e não o surgimento dos monopólios, seria a questão principal abordada por Lênin. Não nos debruçaremos sobre esse debate pois o argumento de Lênin nos interessa na medida em que influencia a tese do capital monopolista.

desenvolvimento do imperialismo. Para ele, a luta deve ser travada entre capital e trabalho, e não entre o proletariado das diferentes nações.

Ao falar sobre a partilha do mundo entre as potências, Lênin defende a sua noção de desenvolvimento desigual dos países e o que isso causaria não só as relações desiguais entre países imperialistas e dependentes, mas também diferentes processos de desenvolvimento entre as potências dominantes. O resultado disso é que, de tempos em tempos, haveria uma nova disputa e um novo processo de partilha do mundo.

Por fim, temos a noção de capital monopolista defendida por Lênin. Essa ideia, aliada ao capital financeiro, parece mover todo o argumento do autor, sendo a essência do argumento¹⁹. O militante bolchevique parte de alguns traços particulares do capitalismo de livre concorrência, como o incremento da produção industrial e do processo de concentração da produção em empresas cada vez maiores, para mostrar como o desenvolvimento desse tipo de sociabilidade leva naturalmente à constituição dos *monopólios*. Para ele, “esta transformação da concorrência em monopólio constitui um dos fenômenos mais importantes [...] da economia do capitalismo dos últimos tempos”²⁰. Ele deriva sua argumentação a partir das noções de concentração e centralização do capital em Marx, já expostas, para chegar à conclusão de que estaríamos vivendo um mundo onde os monopólios dominariam tudo²¹.

1.3 A teoria do capital monopolista em Baran e Sweezy:

Em 1949 é fundada nos EUA a revista socialista *Monthly Review* por Paul Sweezy e Leo Huberman. Trazendo artigo do famoso cientista Albert Einstein acerca da sua simpatia pelo socialismo²², essa publicação virou referência para intelectuais, pesquisadores e movimentos sociais em todo o mundo. A conjuntura de surgimento da revista não era muito favorável. Em fins da década de 40 tínhamos a plenos pulmões a política macartista de perseguição aos intelectuais e movimentos de esquerda. Sweezy foi

¹⁹ Isso não está longe de controvérsia. Para uma crítica a essa noção ver: Corrêa (2012) e Leite & Corrêa (2023)

²⁰ Lênin (2011), p. 120

²¹ A ideia de “monopólios” em Lênin é um pouco ambígua. Para uma explicação sobre as duas formas de entendermos essa dualidade e suas consequências para a história do pensamento econômico Ver: Gouvea (2020), Corrêa (2012), Leite (2017) e Altvater (1987)

²² Um dos artigos mais lidos da revista até hoje.

uma vítima desse processo, chegando a ter sua prisão decretada e ficando sobre a vigilância do Estado durante anos.

Nesse período, os EUA estavam se constituindo como a principal economia capitalista e centro da acumulação mundial. Era a época dos trinta anos dourados²³ do capitalismo, em que esse sistema parecia finalmente ter encontrado uma forma de crescer, estabilizar e distribuir. A saída da Segunda Guerra Mundial com a “vitória sobre os nazistas” também deu um novo fôlego para o que poderíamos chamar de forças democráticas do ocidente. A criação da ONU, do FMI e do Banco Mundial parecia ser a saída para um capitalismo cada vez mais integrado e “humano”. O que a *Monthly Review* se propunha era tentar provar que a realidade material estava extremamente distante do que essa visão idílica da acumulação capitalista e suas instituições pareciam representar.

O livro de Baran e Sweezy *O Capital Monopolista* publicado em 1966 já se encontrava em um momento que a ordem capitalista do pós-guerra começava a ruir. Os primeiros sinais da crise já podiam ser vistos e dali a dois anos os levantes sociais em vários continentes já marcariam um ponto de ruptura com o período anterior. As análises deles vêm no sentido de desvelar o teor da dominação econômica que, por um lado, sustentou o Estado de bem-estar social e, por outro, condenou o Terceiro Mundo à ditadura, ao colonialismo e à pobreza. Baran e Sweezy identificaram que a principal transformação do capitalismo seria a substituição da concorrência entre capitais industriais pelos monopólios, havendo uma mudança qualitativa em relação ao peso de cada empresa nos mercados em que estas vendiam suas mercadorias²⁴.

Essa noção, em maior ou menor grau, já estava presente em Lênin e no debate clássico sobre o imperialismo. Porém, os economistas da *Monthly Review* avançam na caracterização do capitalismo pós-guerra através das noções de *sociedades anônimas gigantes* (SAG) e *excedente econômico*. A escala da SAG pode atingir um nível global de operação, sendo o mais alto grau do processo de concentração e centralização do capital para Baran e Sweezy. Elas são caracterizadas pela dispersão da propriedade acionária da empresa, provocando entre quem tem o controle efetivo do desta e a propriedade formal. São essas *sociedades anônimas gigantes* que vão dominar ramos inteiros nos mercados do Terceiro Mundo

²³ Para uma crítica à noção dos 30 anos dourados ver Montoro (2023)

²⁴ Harris. In: Bottomore (1983)

As SAGs são centrais para a análise dos autores pois elas conseguem gerar grandes quantidades de *excedente econômico*, devido à sua capacidade de exercer um controle dos custos de produção e dos preços das mercadorias nos mercados que dominam. Aqui reside a segunda ideia relevante de Baran e Sweezy. O *excedente econômico*, adquirido através do desenvolvimento dos monopólios, serve para aumentar os lucros capitalistas e a possibilidades de maiores reinvestimentos de capital na produção. Baran & Sweezy definem excedente como: “O excedente econômico, na definição mais breve possível, é a diferença entre o que a sociedade produz e os custos dessa produção”²⁵.

Porém, os economistas da *Monthly Review* chegam à conclusão de que esse excedente se reproduz de uma forma tão intensa que a economia deixa de comportar espaços para a sua reaplicação nos setores produtivos, gerando uma estagnação econômica. Esse argumento dos autores pode ser considerado uma reedição das teses subconsumistas popularizadas por Rosa Luxemburgo, e já tratadas na secção anterior. As alternativas para impedir a estagnação, através da absorção do excedente econômico, seriam os investimentos em publicidade, nos setores militares, na expansão imperialista visando a inserção e dominação de novos mercados e o setor financeiro. Guerras coloniais travadas nesse período, como a da Argélia, da Coreia, do Vietnã e tantas outras, além das ditaduras militares na América Latinas já citadas e a Revolução Cubana, ilustravam bem esse processo²⁶.

Corrêa faz uma ponderação curiosa acerca da interpretação do imperialismo de Baran e Sweezy e sua relação com o subdesenvolvimento:

“[...] a colocação de Baran & Sweezy sobre o imperialismo como forma de garantir uma maior lucratividade para o grande capital, amparava-se também em uma visão que procurava diferenciar no sistema internacional o papel desempenhado por países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Essa distinção, já havia sido elaborada anteriormente de modo isolado por Baran (1986, capítulos V-VII), que, ainda em 1957, tinha tentado demonstrar que o imperialismo das potências capitalistas era o responsável maior pelo subdesenvolvimento do Terceiro Mundo.”²⁷

Tal interpretação, ao nosso ver, será a base argumentativa de uma vasta produção nos países subdesenvolvidos acerca do porquê o desenvolvimento não é uma falta de capitalismo, mas uma necessidade histórica para que os países centrais sejam

²⁵ Baran & Sweezy (1978)

²⁶ Uma boa e breve introdução aos processos revolucionários aqui destacados é a coleção lançada pela Unesp sobre as revoluções no século XX.

²⁷ Corrêa (2012), p. 158.

desenvolvidos²⁸. Essa contradição entre desenvolvimento – e em certos casos distribuição de renda para sustentar o consumo de massas – dos países centrais e subdesenvolvimento nos países periféricos teriam consequências políticas importantes para o ciclo de lutas que se avizinhava. Os processos revolucionários do Terceiro Mundo teriam as sementes da destruição do capital monopolista²⁹.

1.4 Desenvolvimentos posteriores com Harry Magdoff:

Três anos após a publicação do texto de Baran e Sweezy, vem a lume outro texto que se tornou clássico sobre o fenômeno do imperialismo: o livro *A Era Do Imperialismo: A Economia Da Política Externa Dos Estados Unidos* de Harry Magdoff. Também associado à revista e editora *Monthly Review*, Magdoff tinha por objetivo tornar a análise sobre o capital monopolista mais concreta. Ele analisou o caso específico dos EUA e chegou a conclusões fundamentais para o entendimento da acumulação de capital e do imperialismo naquele momento.

A posição privilegiada de Magdoff nas várias instâncias do Estado norte americano o possibilitou a construir uma análise empírica ímpar sobre as corporações multinacionais e sua relação com a estrutura política e econômica dos EUA. Para ele, só através de uma análise que integrasse os objetivos/tendências econômicos, políticos, e militares-estratégicos, poderíamos compreender o imperialismo que este país exercia. As multinacionais deveriam ser interpretadas junto ao papel das bases militares dos EUA espalhadas pelo mundo.

Outro ponto formulado por Magdoff era se o estágio das relações internacionais daquele período evidenciava a superação dos conflitos interimperialistas. Para o pensador estadunidense, a adesão dos países capitalistas a hegemonia dos EUA não significava que teria chegado ao fim a competição entre eles. E afirmou que “o imperialismo é o modo

²⁸ Ruy Mauro Marini vai colocar em seu célebre livro *Subdesenvolvimento e Revolução* que “A história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento do sistema capitalista mundial”, Marini (2009), p. 47. Outros autores vão, em maior ou menor grau, nessa mesma linha argumentativa. Ver: Frank (1978), Amin (1970), Dos Santos (2011), Rodney (2022), Caputo & Pizarro (1974) e Bamber (2009).

²⁹ Algumas críticas foram formuladas em cima dessa interpretação de Baran e Sweezy e achamos relevante trazer algumas delas. Para Laurence Harris, os autores se aproximam da escola neoclássica e de considerações da teoria econômica burguesa

de vida do capitalismo”³⁰. Ainda sobre as RIs, o autor também analisou a importância do exercício militar, como a Guerra do Vietnã, e do controle de instituições internacionais (como aquelas surgidas no pós-guerra) para o imperialismo estadunidense. Magdoff ainda analisa os processos de descolonização que estavam acontecendo naquele período, argumentando o fim do colonialismo não significava o fim do imperialismo. Este passaria a ser exercido através de uma relação informal de subordinação, através de um “imperialismo sem colônias”.

2. O IMPERIALISMO TARDIO

2.1 Queda e ressurgimento da teoria do imperialismo:

A crise dos anos 1960/70 sepultou as expectativas dos ideólogos capitalistas de estabelecerem uma identidade entre o Estado de bem-estar social e a verdadeira face do modo de produção capitalista. Segundo Corrêa, “o arranjo social conformado na ‘era de ouro’ ficaria marcado pela crença na capacidade de regular o capitalismo”³¹. A crise desse modo de organizar a economia se deu a partir das tensões internas inerentes ao modo de produção capitalista. Para Marcelo Carcanholo, as crises capitalistas se definem como uma “superacumulação” (superprodução de capital incapaz de continuar obtendo seus níveis de lucratividade anteriores e redução de lucros). Essas duas características provocam uma expansão da concentração/centralização do capital. Ainda que com formas de manifestação específicas como a estagflação³² – foi essencialmente isso o que ocorreu nos anos 1970³³.

A retomada da hegemonia norte-americana estaria relacionada à utilização do receituário neoliberal por meio da abertura e desregulamentação de todos os mercados, da liberalização do fluxo de capital e das manobras feitas na esfera financeira³⁴. Ele se expressa ao longo dos anos 60, 70 e 80 no desenvolvimento das tecnologias no campo da produção, nas novas formas de organização do trabalho³⁵, no completo desmantelamento

³⁰ Magdoff (1978)

³¹ Corrêa (2012)

³² A combinação de estagnação econômica (pondo fim ao longo período de crescimento do produto e manutenção de elevadas taxas de emprego nos países de capitalismo avançado) e inflação. Ver: Corrêa (2012) e Bonente (2016).

³³ Carcanholo (2008)

³⁴ Para mais informações sobre o tema da financeirização consultar Chesnais (1996) e (2005). Para o tema da retomada da hegemonia norte americana ver: Da Conceição Tavares & Fiori (1997) e Arrighi (1996).

³⁵ Harvey (2005) chamará esse processo de “acumulação flexível”.

das convenções do pós-guerra e no permanente aprimoramento dos instrumentos financeiros.

Esse movimento possibilitou aos EUA concretizar a sua dominação em várias regiões do primeiro e, principalmente, do terceiro mundo através da dívida pública. Devemos ainda chamar atenção que a esfera financeira não foi a única que serviu para o escoamento do capital. Os setores de serviços e a indústria bélica também receberam suntuosos investimentos nesse período³⁶. A consolidação ideológica dessa reorientação só seria possível com a crise do socialismo real nos anos 90 e a adesão generalizada à tese da “globalização”.

Mas como se desenvolveu a teoria do imperialismo nesse período? O historiador italiano Enzo Traverso nos dá uma boa pista do que pode ter acontecido. Segundo ele, o quarto de século que vai do fim da Guerra do Vietnã em 1975 até o 11 de setembro de 2001 sofreu uma transição radical da paisagem intelectual e política. Palavras como “revolução” e “comunismo” (e para nós também o “imperialismo”) passaram por uma ressignificação no campo da cultura, das mentalidades e do imaginário coletivo. Esse movimento seria resultado da associação dessas teorias ao marxismo oficial da URSS e a todas as consequências políticas deste em decorrência do stalinismo³⁷. Conclusão semelhante parece chegar o economista Hugo Corrêa, argumentando que, apesar da vasta produção acerca do imperialismo nos anos 1960/70, “os debates travados [...] denotavam a existência de uma crise em uma perspectiva teórica [...] cujo desenvolvimento estivera profundamente ligado a uma conjuntura histórica distinta e depois da qual fora sufocado pelo mecanicismo stalinista”³⁸.

O imperialismo entra em um ocaso em meados da década de 70. Críticas como as de Barrat Brown e Bob Sutcliffe indicavam que o imperialismo não tinha aceitação generalizada na academia, estando limitado a pesquisadores marxistas e à ideologia de esquerda³⁹. Em seu clássico livro *Geometry of imperialism* o economista italiano

³⁶ Para o tema do crescimento do setor de serviços no período ver: Harvey (2005). Para a relação entre “esfera financeira” e desenvolvimento do setor armamentista no mesmo período ver: Mampaey & Serfati (2005)

³⁷ Traverso (2012)

³⁸ Corrêa (2012)

³⁹ Brown (1978) e Sutcliffe (1972)

Giovanni Arrighi faz uma crítica severa ao imperialismo que, para ele, havia se tornado uma “Torre de Babel, na qual nem mesmo os marxistas sabiam mais se encontrar”⁴⁰.

É neste contexto socioeconômico e intelectual que Prabhat Patnaik se questiona “o que aconteceu com o imperialismo?”⁴¹. Segundo o economista indiano, o imperialismo teria desaparecido por completo dos debates políticos e científicos nos últimos vinte anos. Patnaik escrevia isso no momento de refluxo do movimento comunista internacional, com o fim da União Soviética e a Queda do Muro de Berlim. Isso teria arrefecido o interesse dos intelectuais dos países centrais pelo tema do imperialismo.

Ao longo da década de 90, termos como “globalização” e “império” surgiram no cenário intelectual com o objetivo de jogar por terra as análises das relações interestatais que tinham como pano de fundo o arcabouço teórico do imperialismo. O mais famoso dos textos que faz parte desse movimento é com certeza o livro *Império* de Michael Hardt e Antonio Negri e publicado em 2000. A brochura se tornou um divisor de águas nos estudos sobre imperialismo, ainda que tente sepultá-lo.

Posteriormente, contudo, parece haver uma guinada marxista de defesa da relevância do imperialismo enquanto objeto de análise. Certamente impulsionados pela necessidade de responder a Hardt e Negri (2001), mas também pelo cenário geopolítico geral, os intelectuais marxistas retornam ao tema do imperialismo. Sem dúvida, há uma reflexão antes e outra depois do livro de Hardt e Negri.

Autores já renomados em suas áreas como David Harvey, Ellen Wood, Alex Callinicos, John Bellamy Foster, Leo Panitch e Sam Gindin procuraram responder às críticas de Hardt e Negri, reacendendo o debate sobre a vigência da categoria imperialismo para compreender a economia mundial. Ainda que não possam ser considerados uma tradição por terem reflexões das mais diversas, esses autores tiveram êxito em sua empreitada, estabelecendo um novo momento nas investigações sobre o imperialismo.

⁴⁰ Arrighi (1983). Em livro recentemente publicado em português, a professora da *Illinois State University*, Intan Suwandi, faz um excelente sumário das produções críticas ao conceito clássico de imperialismo, feita tanto por autores dentro da tradição marxista, quanto por social democratas e liberais
Ver: Suwandi (2024)

⁴¹ Patnaik (1990)

Nosso objetivo é dentro desse debate mais amplo, investigar os autores que interpretam o imperialismo através da chave do capital monopolista. Eles podem ser reconhecidos como “a escola da *Monthly Review*”, pois todos estão associados em maior ou menor grau à revista e seguem parâmetros gerais de análise – que evidenciaremos a seguir –, apesar de terem algumas interpretações particulares sobre alguns fenômenos e, ao nosso ver, alguns tensionamentos em pontos mais específicos. Nesse debate no início dos anos 2000, estão representados pelo John Bellamy Foster.

2.2 John Bellamy Foster - A agenda de pesquisa do Imperialismo Tardio e seu contexto:

John Bellamy Foster analisa um aspecto interessante acerca da utilização do termo “imperialismo” por ideólogos da defesa das políticas dos EUA contra o terrorismo. Ele afirma que o termo passa a ser abraçado por essas figuras na tentativa de inverter seu significado de um aspecto negativo para um positivo como “missão civilizadora”⁴². Essas análises se limitam ao aspecto militar e político do imperialismo, evitando o aspecto econômico. Para Foster, é justamente essa dimensão do imperialismo que deve ser retomada por um pensamento crítico sobre o tema.

Esse contexto em que Foster publica é singular para a retomada das reflexões sobre imperialismo. A intervenção militar da OTAN no leste europeu no final da década de 1990, a Guerra ao Terror em resposta ao 11 de setembro de 2001 e as ocupações do Afeganistão e do Iraque jorraram para o debate público as discussões acerca das estruturas desiguais de força e as críticas à dominação que os EUA exerciam sobre o mundo.

O sociólogo norte americano argumenta no sentido de uma “historicidade dialética” do imperialismo, com suas rupturas e continuidades. Para ele, “cada fase histórica do imperialismo depende de diferentes meios de exploração e expropriação para alimentar a acumulação em escala mundial”⁴³. Uma constante do imperialismo é a tentativa dos países do centro de reestruturar e integrar os sistemas produtivos da periferia, principalmente o trabalho, para intensificar o processo de acumulação em escala mundial. Os países desse núcleo estão em constante competição entre si por esferas de influência. Segundo Foster:

⁴² Foster (2002)

⁴³ Foster (2002)

“Imperialismo tardio remete ao período presente do capital monopolista-financeiro e a estagnação, ao declínio da hegemonia dos EUA e conflito mundial crescente, acompanhado por crescentes ameaças às bases ecológicas da civilização e da própria vida. Ele é fundamental para as relações hierárquicas extremas que governam a economia mundial capitalista no século XXI, que é cada vez mais dominado por mega-corporações multinacionais e um punhado de estados no centro do sistema mundo.”⁴⁴

Segundo Foster, imperialismo tardio está associado a quatro eixos principais: capital monopolista-financeiro generalizado; a globalização da produção; novas formas de extração de mais-valor da periferia para o centro; e desafios econômicos, militares e ambientais de época.

O início do imperialismo tardio está a partir da globalização da produção e das finanças que foram resultados da crise econômica dos anos 60/70. Essa nova face do imperialismo emergiu junto do receituário neoliberal e da retomada da hegemonia norte-americana (já analisados). A busca por espaços de valorização ao longo dessa expansão foi contemplada, entre outras regiões, pela adoção de políticas neoliberais na América Latina, a reabertura da China à economia global a partir da década de 70, os processos de descolonização dos países africanos e ao fim da URSS. A aceleração do processo de globalização, ao invés de diluir a dominação do imperialismo – gerando um mundo multipolar –, ao inverso, intensificou essas estruturas, aprofundando as assimetrias globais entre centro e periferia. Os países de capitalismo dependente estão cada vez mais dominados e incapazes de controlar sua produção doméstica⁴⁵.

Quanto ao aspecto da globalização da produção, a “produção e circulação agora são organizados na forma de redes globais de mercadoria”. A principal categoria que ilustra esse processo, e que nos debruçaremos melhor na próxima seção, é a *arbitragem global do trabalho*. De modo geral, essa categoria tenta analisar como a contradição entre capital e trabalho se torna uma relação entre capitais do centro (Norte global⁴⁶) e trabalho/trabalhadores das periferias (Sul global). Esse processo permite a apropriação de

⁴⁴ Foster (2021)

⁴⁵ Borón (2004)

⁴⁶ Entendemos o par Norte e Sul Global como intercambiáveis com os pares centro e periferia, desenvolvidos e subdesenvolvidos, e, em certo sentido, entre primeiro mundo e terceiro mundo. A única observação que fazemos é que, neste último caso, o Sul global unifica em apenas uma noção não só esse terceiro mundo, mas também boa parte do que, no século passado, conhecíamos como segundo mundo (os países socialistas).

parte do que é produzido no terceiro mundo pelas economias do núcleo do capitalismo⁴⁷. O controle financeiro e tecnológico de comunicações e transporte intensificam esse processo de globalização da produção⁴⁸.

Essas teses ganharam força com as recentes pesquisas de autores como John Smith, Intan Suwandi, Minq Li, Cheng Enfu e novos aportes do próprio John Bellamy Foster. As análises reforçam a intensificação da divisão internacional do trabalho através de pesquisas mais empíricas e no desenvolvimento de categorias como “arbitragem global do trabalho” e “cadeias globais de valor-trabalho”. Para esses novos autores, o centro da análise do imperialismo tardio é a exploração dos trabalhadores do Sul Global pelas empresas associadas ao capital do Norte. Aqui, China, Índia e Indonésia ganham papel central como países que servem de mão de obra barata para a acumulação do capital.

2.3 John Smith - A Arbitragem Global do Trabalho:

O pesquisador John Smith defendeu sua tese em 2010 intitulada *Imperialism & the Globalisation of Production* na universidade de Sheffield. Essa pesquisa foi um primeiro fôlego para a publicação, em 2016, do seu livro *Imperialism in the twenty-first century* [Imperialismo no século XXI]. O esforço principal do economista inglês é no desenvolvimento da categoria *arbitragem global do trabalho*. Como tínhamos mencionado, ela define de uma forma bem concreta o processo mais geral de globalização da produção. Partindo de uma realidade concreta, a migração das instalações industriais de grandes empresas para os países periféricos, Smith tenta descobrir suas causas, seus efeitos e como este processo tem relação com o sistema imperialista geral.

A causa principal para tal processo é porque o valor da força de trabalho nos países periféricos é menor do que nos países centrais. Isso possibilitaria às corporações multinacionais extrair uma maior taxa de mais-valia desses trabalhadores, se comparados aos operários dos países mais desenvolvidos. Podemos listar três principais motivos para essa diferença no valor da força de trabalho no Sul Global. O primeiro seria um vasto exército industrial de reserva global localizado no terceiro mundo. O segundo seriam as restrições à circulação de mão de obra entre países e, particularmente, dos países pobres

⁴⁷ Mathias Seibel Luce desenvolve um excelente argumento dentro da Teoria Marxista da Dependência sobre a diferença entre produção e apropriação de valor na economia mundial em seu livro *Teoria marxista da dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica* (2018)

⁴⁸ Suwandi, Jonna & Foster (2019)

para os ricos⁴⁹. O último motivo são as forças das pressões das economias imperialistas contra as economias dependentes, que se reproduz desde o momento da integração desses países de forma desigual na economia mundial⁵⁰.

Esse argumento de que as taxas de exploração são maiores nos países subdesenvolvidos do que nos desenvolvidos é questionada por autores como Alex Callinicos e Joseph Choonara⁵¹. Para estes autores, os altos níveis de produtividade no centro, resultado do elevado nível tecnológico da produção, na realidade inverteria essa lógica da maior exploração para os países centrais. Com esse argumento, Callinicos e Choonara não só negam o centro da arbitragem global do trabalho, mas toda a teoria marxista da dependência. Uma resposta possível a essa interpretação é dada por John Bellamy Foster na seguinte passagem:

“todo mundo sabe que os trabalhadores nos países capitalistas desenvolvidos são pagos mais que aqueles nos países mais pobres. Porém a divergência nos salários médios, no entanto, pode ser surpreendente: não apenas 20 por cento ou 50 por cento, mas sim um fator de 2, 5, 10 ou 20 entre os países mais ricos e os mais pobres. A teoria econômica tradicional explica isso—e justifica isso— ao argumentar que os trabalhadores nos países mais ricos são mais produtivos que nos países pobres, porque os primeiros são mais educados e habilitados, trabalhando com níveis mais altos de tecnologia. Ainda assim essa explicação não cai bem com a realidade que muitos empregados manufatureiros nos países pobres são empregados, direta ou indiretamente, por grandes corporações, e trabalham com tecnologia que normalmente é comparável à dos países ricos... A produção por (ou contratada por) multinacionais estrangeiras nos países pobres depende da mesma ou quase a mesma tecnologia utilizada nas economias ricas, levando a níveis comparáveis de produtividade.”⁵²

Assim, John Smith retoma um argumento do brasileiro Ruy Mauro Marini acerca da *superexploração da força de trabalho* nos países dependentes. Apesar de importante recuperação, o economista inglês possui uma leitura errada da categoria do cientista social brasileiro. Em seu livro publicado originalmente em 2016, Smith interpreta a *superexploração* como simplesmente *mais-exploração*, uma exploração além do normal⁵³. Apesar disso, tal retomada do pensamento de Marini nos parece fundamental, visto que os autores da teoria da dependência permaneceram exilados não só dentro da

⁴⁹ Aqui reside a “farsa da globalização” apontada por Smith. “um mundo sem fronteiras para tudo e para todos, exceto para os trabalhadores” Smith. In: Fernandes org. (2022).

⁵⁰ Foster & McChesney (2019).

⁵¹ Callinicos (2009) e Choonara (2009).

⁵² Foster (2021)

⁵³ Para uma crítica dessa noção conferir Martins (2023) e Carcanholo (2017)

tradição marxista em geral, mas também no pensamento crítico mais amplo do seu próprio país⁵⁴.

A configuração principal que esse processo de arbitragem global do trabalho funciona é através das terceirizações. As três formas listadas por Smith em seu artigo de síntese sobre o imperialismo no século XXI são: contratação à distância, modos de produção não-equitativos (contratos de locação, licenciamento, franquia e serviços de gestão), e a mais comum que é através do tradicional investimento estrangeiro direto por multinacionais. Esses investimentos intensificariam os problemas na absorção de capital do excedente econômico.

Outra categoria da dependência que é retomada é a *transferência de valor*⁵⁵. Esta serve para dar a toada da diferença entre produção e apropriação de valores na economia mundial. Para Smith, haveriam várias formas ocultas que os países desenvolvidos utilizariam para apropriar valor produzido dos países subdesenvolvidos. Ele argumenta que “os vastos fluxos S-N de valor” associados com o intercâmbio desigual “desaparecem invisíveis nas estatísticas do *PIB*, comércio e fluxos financeiros” devido ao valor gerado no Sul é “capturado” no Norte⁵⁶.

Esse fenômeno da arbitragem global do trabalho se relaciona com a dinâmica maior do imperialismo no sentido de que são os valores extraídos do Sul Global e apropriados pelo Norte que servem para a reprodução ampliada do capital, o desenvolvimento da financerização, o investimento no militarismo e em novas tecnologias que serão utilizadas para um novo ciclo de acumulação e repressão do trabalho (seja no centro ou na periferia do mundo).

2.4 Intan Suwandi - As Cadeias Globais de Valor-Trabalho:

Outra categoria apresentada por estes autores do imperialismo tardio são as *cadeias globais de valor-trabalho*⁵⁷. Quem desenvolveu essa categoria foi a socióloga Intan Suwandi da Universidade de Oregon. A relação dela com a arbitragem global do trabalho é um pouco imbricada. Uma hipótese plausível é de que essas duas categorias

⁵⁴ Conferir Marini (1992), dos Santos (1996) e Bambirra (1991). Para uma visão de conjunto, consultar Prado (2011)

⁵⁵ Um estudo sobre as formas de transferir valor no capitalismo contemporâneo pode ser consultado em Luce (2018)

⁵⁶ Smith (2018)

⁵⁷ Ou *cadeias globais de commodities*

operariam em níveis de abstração diferentes: a arbitragem seria sobre as relações mais concretas e diretas acerca da superexploração do trabalho e das transferências de valor; já as cadeias globais de valor teriam o objetivo de mostrar o panorama mais geral das economias mundiais, sua organização na divisão internacional do trabalho e como esse sistema é a base de sustentação do imperialismo.

Para Fernandes, as cadeias globais de valor trabalho seriam “um dispositivo teórico e empírico dedicado à compreensão de parte da base econômica do imperialismo contemporâneo, além de viabilizar a incorporação da exploração global contemporânea à estrutura da teoria do valor-trabalho”⁵⁸. Segundo a própria Suwandi:

“Ao Contrário das teorias convencionais sobre este assunto, esta estrutura leva em consideração as questões de poder, classe e controle – questões que devem ser abordadas se quisermos trazer a exploração e expropriação que ocorrem nas cadeias globais de commodities a público. É crucial que a análise teórica e metodológica das cadeias de valor do trabalho aqui desenvolvida incorpore um cálculo da variação entre os países nos custos unitários do trabalho na manufatura. A mediação dos custos unitários do trabalho – normalmente apresentado como o custo médio do trabalho por unidade de produção real, ou a relação entre a remuneração horária total e a produção por hora trabalhada – combina a produtividade do trabalho com os custos salariais (o preço do trabalho), de certa forma intimamente relacionado à teoria da exploração de Marx. Custos unitários de trabalho mais baixos apontam para uma maior taxa de exploração na produção, e vice-versa.”⁵⁹

A socióloga da Indonésia investiga o fenômeno da deslocalização da produção industrial e critica a noção de transnacionalização produtiva deslocada do centro de poder dos países imperialistas. Suwandi sugere que as estruturas de governança e de patentes permanece nos países centrais, ou seja, essas transnacionalização não se dá de forma horizontal, mas hierarquizada. As nações desenvolvidas entrariam com os recursos financeiros e a inovação tecnológica e as nações subdesenvolvidas com o seu imenso exército industrial de reserva. Uma preocupação da autora é com a possibilidade real de mensurar a imensa quantidade de valor transferida para o centro do capitalismo. Isso porque cada vez mais vai se generalizando formas de terceirizações, contratos temporários e relações flexíveis entre as empresas que dificultam essa análise empírica.

Em seu livro, publicado recentemente em português pela *Expressão Popular*, Suwandi faz uma longa análise empírica de empresas na Indonésia, um dos principais destinos das terceirizações no período recente junto com China e Índia, buscando as

⁵⁸ Fernandes (2022).

⁵⁹ Suwandi (2022)

relações entre as corporações multinacionais e as empresas nacionais, além da atuação do Estado nos países do terceiro mundo frente ao capital internacional financeiro.

2.5 Prabhat e Utsa Patnaik – Capital Financeiro Internacional e a Teoria do Dreno:

Utsa e Prabhat Patnaik são dois marxistas indianos que integram o debate sobre o imperialismo tardio, dando foco a outro aspecto da exploração entre o Norte e o Sul global. Eles vão tentar analisar esse novo estágio do imperialismo, pós-crise dos anos 60/70, como o marco para o surgimento do que eles chamam de *capital financeiro internacional*. Ao inverso do que os dois autores anteriores fizeram, os Patnaik focam na exploração dos recursos naturais do terceiro mundo. Para eles, o desenvolvimento do capitalismo está condicionado pela possibilidade de exploração e drenagem de matérias-primas dos países subdesenvolvidos.

O *capital financeiro internacional* seria “a força dirigente por trás do fenômeno da globalização [e]... da articulação de políticas neoliberais” que substituíram as políticas keynesianas no gerenciamento da demanda dos países centrais⁶⁰. Este capital financeiro internacional teria algumas particularidades em relação ao capital financeiro identificado por Lênin e Hilferding no início do século XIX. Atualmente, o novo capital financeiro não é dependente do capital industrial, como era antes. Ele se move ao redor do globo buscando qualquer esfera que o proporcione ganhos produtivos. O segundo aspecto é que o capital financeiro, apesar de ter uma “origem em determinados países, não é necessariamente baseado em nenhum interesse nacional”, daí a sua caracterização enquanto *internacional*.

Por fim, seu terceiro aspecto particular, e talvez mais complicado, é que a circulação do capital financeiro exige uma mudança nas políticas de blocos ou territórios econômicos. Para os Patnaik, as disputas interimperialistas permanecem, porém mudam o seu teor. Entendemos com isso que o fenômeno das guerras mundiais pode ter deixado de ser uma realidade palpável, mas disputas locais, guerras comerciais, corridas tecnológicas e guerras híbridas seriam as novas formas de disputa interimperialistas.

Esse capital financeiro internacionalizado gestaria em seu seio uma *oligarquia financeira global* que formaria um bloco próprio e teria seus porta-vozes nos burocratas,

⁶⁰ Patnaik (2022)

meios de comunicação internacionais e nacionais, políticos e intelectuais orgânicos⁶¹. Essas camadas sociais e seus representantes possuem muitas vezes a capacidade de submeter os Estados aos seus interesses, que segundo o Utsa e Prabhat Patnaik seriam independentes de qualquer Estado.

Uma consequência desse livre fluxo de capitais e mercadorias é a extrema concorrência, que atinge uma escala global. O fenômeno da superexploração da força de trabalho nos países dependentes, que apareceu nas análises anteriores, aqui ganha uma nova chave de complexidade. Os Patnaik defendem que esse fato, junto com a concorrência sem precedentes, produzem uma tendência à queda dos salários dos trabalhadores do Norte Global, resultante das disputas entre a classe operária desses países e seus patrões, ávidos por aumentar seus lucros e sua competitividade no mercado mundial, assim os “trabalhadores dos países avançados, em outras palavras, não podem mais escapar das consequências perniciosas das reservas de trabalho do terceiro mundo”⁶².

O sistema mundial como um todo, se expressa de diferentes formas em cada país, baseado, dentre outras coisas, em qual posição cada nação ocupa na divisão internacional do trabalho. O fenômeno da crise, inevitável nesse modo de produção, terá facetas diversas entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos. No primeiro caso, Utsa e Prabhat Patnaik argumentam que a crise será marcada pelo desemprego e a capacidade ociosa da classe trabalhadora. No segundo, teremos um processo similar à acumulação primitiva, com a pauperização dos camponeses e pequenos produtores. Essas dinâmicas indicaram diferentes consequências políticas para os movimentos sociais que se organizam contra a exploração dos povos, mas foge ao escopo desse trabalho tratar disso.

Em 2016, o casal de marxistas indianos publicou um livro sintetizando seus argumentos sobre o imperialismo. *A Theory of Imperialism* [Uma Teoria do Imperialismo, publicado em português pela editora Lavrapalavra em 2024] causou um grande debate dentro do marxismo e da teoria do imperialismo⁶³. O que faremos aqui é apresentar o argumento geral dos Patnaik e a sua famosa teoria do *dreno imperialista*. Essa categoria, utilizada anteriormente por autores que analisavam o colonialismo⁶⁴, é retomada aqui para

⁶¹ Algo semelhante ao que René Armand Dreifuss argumenta em seu célebre livro *A Internacional Capitalista* (1986)

⁶² Patnaik (2022)

⁶³ Tema que procuraremos tratar em trabalhos posteriores.

⁶⁴ Introduzida pelo ativista Dadabhai Naoroji em 1896.

explicar como o desenvolvimento industrial dos países dos centros capitalistas só é possível através da expropriação de matérias-primas e recursos naturais e alimentícios dos países periféricos. Segundo Fernandes:

“Os países avançados ainda dependem dos menos desenvolvidos para muitos dos elementos essenciais da vida cotidiana essenciais para a cesta básica de seus trabalhadores. Nesse sentido, para além da mera apreensão da deterioração dos termos de troca no comércio internacional, os autores reforçam a sua tese sobre a relação entre o aumento da oferta por produtos primários e a deflação da renda na periferia por meio das mudanças no valor do dinheiro.”⁶⁵

Assim, os países centrais têm interesse em manter os países periféricos como produtores de gêneros agrícolas. Outro aspecto importante é a relação do capital financeiro internacional com essa teoria do dreno. Para os Patnaik, as operações realizadas no mercado financeiro, principalmente relacionadas ao valor do dinheiro como foi o caso do fim da conversibilidade de ouro em dólar a partir dos anos 70, conseguem gerar uma deflação de renda nos países do Sul Global. As consequências disso são grandes bolsões de fome, miséria e uma gigantesca de reserva de trabalho nestes países.

CONCLUSÃO:

Ao longo deste trabalho percorremos a construção da perspectiva do imperialismo tardio. Exploramos suas raízes nas reflexões de Marx, nos aportes das teorias clássicas do imperialismo (principalmente Lênin e Rosa Luxemburgo) e o desenvolvimento da ideia de capital monopolista nos anos 60 pelos marxistas associados à *Monthly Review*. Tal movimento inicial nos entregou um panorama sobre a base à qual esses autores constroem suas propostas teóricas. Fizemos um voo amplo pelo debate, ou melhor, o não-debate, sobre o imperialismo no final do século XX, e seu ressurgimento a partir da virada do XXI. Isso nos permitiu posicionar o imperialismo tardio entre as propostas que tentam interpretar o fenômeno do capitalismo contemporâneo. Mergulhamos nas reflexões dos autores, analisando suas principais categorias e ferramentas analíticas.

Apesar de sofrerem com apropriações acríticas de vícios analíticos herdados de seus predecessores, vemos essa gama de autores como uma das propostas mais avançadas

⁶⁵ Fernandes (2021)

para compreender o fenômeno do imperialismo e o capitalismo contemporâneo. Em primeiro lugar pela capacidade louvável desses intelectuais de formular categorias como a *arbitragem global do trabalho* e as *cadeias globais de valor-trabalho/commodites*. Em segundo lugar, pela extrema criatividade de se apropriarem de outras categorias como a do *dreno*, a *superexploração da força de trabalho* e as *transferências de valor*. Nota aqui importante sobre essas categorias é que todas surgiram em reflexões de autores do terceiro mundo tais como Ruy Mauro Marini, Samir Amin, Walter Rodney e tantos outros, analisando fenômenos como o colonialismo na Ásia e a dependência na América Latina. Esse ponto é importante pois uma teoria que essa ganhando grande reverberação no centro do sistema capitalista é extremamente influenciada pelas produções da periferia. Esse movimento, até mesmo dentro do marxismo, tem um quê de inovador.

Enxergamos nesses autores uma possibilidade do avanço dos debates sobre o imperialismo não só pela sua capacidade analítica em si, mas também pela disposição ao debate e a entrar em polêmicas que sejam relevantes para a superação de certas noções antiquadas acerca do tema.

Como dissemos, o lançamento do livro *A Theory of Imperialism* gerou um debate intenso entre os intelectuais marxistas em várias regiões do mundo. Uma das críticas mais severas que o livro sofreu veio do geógrafo britânico David Harvey, que publicou uma crítica ao final do livro e, posteriormente, teceu novos comentários no lançamento do livro na *New School for Social Research* em 2017. Esses comentários geraram respostas não só dos próprios Patnaik, mas também do economista John Smith, gerando uma polêmica pública entre intelectuais marxistas que há tempos não vemos. Entendemos que esse tipo de debate é extremamente relevante não só para a volta do tema do imperialismo ao cenário público, mas também possibilitando a revisão de certas imprecisões de teorias previamente formuladas a possibilidade de avanço na compreensão da realidade. O que queremos ilustrar com isso é que, mesmo frente às inúmeras críticas que podemos fazer a essa tradição, a escola de interpretação do imperialismo da *Monthly Review* é a mais avançada na interpretação desse fenômeno do capitalismo contemporâneo.

Por fim, vemos no número de possibilidades de pesquisa sem igual, fazendo com que acreditemos que o imperialismo tardio será por algum tempo um tema central nas pesquisas sobre imperialismo e dependência no Brasil e no mundo. Isso nos parece já em curso com o interesse na publicação dos livros de John Smith e Intan Suwandi, pela

*Expressão Popular*⁶⁶, além de uma reunião de artigos organizada por Emiliano López intitulada *As Veias do Sul Continuam Abertas: Debates Sobre o Imperialismo do Nosso Tempo* e publicada em 2020. Além disso, tivemos em 2022 o lançamento de outra reunião de artigos, dessa vez pela Ruptura e organizada por Luís Eduardo Fernandes⁶⁷. Também desta editora, temos o já famoso *A Teoria do Imperialismo* dos Patnaik, publicado em 2024.

Também temos pesquisadores no Brasil trabalhando com estes autores. Destaque para Juliane Furno que os incluiu em seu livro *Imperialismo: Uma Introdução* e o já citado Luís Fernandes, que defendeu uma tese de doutorado em 2022 sobre a relação entre o Imperialismo Tardio e a Operação Lava Jato no Brasil⁶⁸. Algumas possibilidades de pesquisa que listamos como fundamentais, e são apontadas pelos autores, são: aspectos da dependência contemporânea; um desenvolvimento teórico mais preciso sobre a categoria *cadeias globais de valor-trabalho* que, ao nosso ver, ainda parece uma noção confusa; a inserção da China na economia mundial, principalmente sua tentativa de construir uma “Nova Rota da Seda”; as relações contraditórias entre Estado-nação e capital financeiro internacional/monopolista.

BIBLIOGRAFIA

- ALTVATER, Elmar. O capitalismo se organiza: o debate marxista desde a guerra mundial até a crise de 1929. In: HOBBSAWM, Eric (Org.). **História do marxismo**. V. 8. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- ARRIGHI, G. **The Geometry of imperialism: Limits of hobson’s paradigm**. 2. ed. Londres, England: Verso Books, 1983.
- ARRIGHI, G. **O Longo Século XXX: dinheiro, poder e as origens de nossos tempos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996
- AMIN, S. (1970) **L’accumulation à l’échelle Mondiale – critique de la théorie du sous-developpement**. Paris: Éditions Anthropos.
- BAMBIRRA, V. **Memorial**. Disponível em: <<https://vaniabambirra.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/01/memorial-abril-1991.pdf>>. Acesso em: 4 dez. 2024.

⁶⁶ John Smith – *O Imperialismo no Século XXI* e Intan Suwandi – *Cadeias globais de valor: O Novo Imperialismo Contemporâneo*, ambos publicados em 2024 no clube do livro da *Expressão Popular*

⁶⁷ Luís Eduardo Fernandes (org.) – *Introdução ao Imperialismo Tardio*

⁶⁸ A tese foi publicada pela Autonomia Literária em 2024 com o título *A Internacional da Lava Jato*.

- BAMBIRRA, V. **O Capitalismo Dependente Latino-Americano**. Florianópolis: Insular, 2009.
- BARAN, Paul & SWEEZY, Paul. **Capitalismo monopolista: ensaio sobre a ordem econômica e social americana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- BONENTE, B. A. I. D. **Do desenvolvimento capitalista, Desenvolvimento em Marx e na Teoria Econômica: Por Uma Crítica Negativa**. Eduff: Universidade Federal Fluminense, 2016.
- BORÓN, A. A. **Império & Imperialismo: Una lectura crítica de Michael Hardt y Antonio Negri**. Buenos Aires: Clacso, 2004.
- BROWN, M. B. **A Economia Política do Imperialismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- CALLINICOS, Alex. **Imperialism and global political economy**. Cambridge: Polity, 2009.
- CAPUTO, O.; PIZARRO, R. **Dependencia y Relaciones Internacionales**. Ciudad Universitaria Rodrigo Facio, Costa Rica: Editorial Universitaria Centroamericana (EDUCA), 1974.
- CARCANHOLO, M. D. Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e política econômica. **Revista de Economia Contemporânea**, v. 12, n. 2, p. 247–272, 2008.
- CARCANHOLO, M. D. Conteúdo e forma da crise atual do capitalismo: lógica, contradições e possibilidades. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**. v.1, n.3, Edição Especial - Dossiê: A crise atual do capitalismo, p. 73–84, 2011.
- CARCANHOLO, M. **Dependencia, superexplotación del trabajo y crisis: Una interpretación desde Marx**. Madrid: Maia Ediciones, 2017.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- CHESNAIS, F. **A Finança Mundializada**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CHOONARA, J. **Unravelling capitalism: A guide to Marxist political economy**. [s.l.] Bookmarks, 2009.
- CORRÊA, H. F. S. **Teoria do Imperialismo no século XXI: (in) adequações do debate no marxismo**. [s.l.] Universidade Federal Fluminense, 2012.
- DA CONCEIÇÃO TAVARES, M. A retomada da hegemonia norte-americana. Em: DA CONCEIÇÃO TAVARES, M.; FIORI, J. L. (Eds.). **Poder e dinheiro, uma economia política da globalização**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- DOS SANTOS, T. **Memorial**. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B0eSnYD-sJTWZXp3dHIXOVFCZEU/view?resourcekey=0-hCshzqt3S845wLxb9SfJ0g>>. Acesso em: 4 dez. 2024.
- DOS SANTOS, T. **Imperialismo y Dependencia**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2011.
- DREIFUSS, R. A. **A Internacional Capitalista**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1986.
- FERNANDES, L. **URSS: Ascensão e queda**. São Paulo: Anita Garibaldi, 1992.

- FERNANDES, L. E. A Theory of Imperialism (resenha). **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 61, p. 251–256, 2021.
- FERNANDES, L. E. Apresentação: Introdução aos estudos do imperialismo tardio. Em: FERNANDES, L. E. (Ed.). **Introdução ao Imperialismo tardio**. Recife: Ruptura, 2022. p. 19–44.
- FOSTER, J. B. **O redescobrimento do imperialismo**. Disponível em: <<https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/formacion-virtual/20100715085310/cap21.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2025.
- FOSTER, J. B.; MCCHESENEY, R. W. The Endless Crisis: How Monopoly-Finance Capital Produces Stagnation and Upheaval from the USA to China. Nova Iorque, NY, USA: Monthly Review Press, 2019.
- FOSTER, J. B. **Imperialismo Tardio: 50 anos depois do livro “A Era do Imperialismo”, de Harry Magdoff**. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2019/07/01/late-imperialism/>>. Acesso em: 8 nov. 2024.
- FRANK, Andre Gunder, 1929 -. **Capitalismo y subdesarrollo en America Latina**. Mexico: Siglo Veinturino, 1978.
- FURNO, J. **Imperialismo: Uma Introdução Econômica**. Rio de Janeiro: Da Vinci, 2022.
- GINDIN, S.; PANITCH, L. **The making of global capitalism**. Londres, England: Verso Books, 2014.
- GOUVEA, M. M. Gênese e estrutura de Imperialismo, fase superior do capitalismo, de Lênin. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 12, n. 2, p. 21–34, 2020.
- HARRIS, L. (1983). Centralização e Concentração de Capital (T. Bottomore, Org.). Zahar.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- HARVEY, D. Um comentário sobre Uma Teoria do Imperialismo. Em: PATNAIK, U.; PATNAIK, P. (Eds.). **Uma Teoria do Imperialismo**. São Paulo: Lavrapalavra, 2024. p. 205–224.
- HILFERDING, Rudolf. O capital financeiro. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- HOBSBAWM, E. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- KATZ, C. **Revisiting the theory of super-exploitation**. La Haine, 2018. Disponível em: <<https://katz.lahaine.org/b2img/ACIERTOSYPROBLEMASDELASUPEREXPLORACION.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2024
- LEITE, L. M. Sobre as teorias do imperialismo contemporâneo: uma leitura crítica. **Economia**

e sociedade, Campinas, v. 23, n. 2, p. 507-534, ago. 2014.

LEITE, L. M. **O Capital no Mundo e o Mundo no Capital: uma reinterpretação do imperialismo a partir da Teoria do Valor de Marx.** [s.l.] Universidade Federal Fluminense, 2017.

LÊNIN, V. I. **O Imperialismo, etapa superior do capitalismo.** Campinas: Navegando publicações, 2011.

LUCE, M. S. **Teoria marxista da dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MAGDOFF, Harry. **A era do imperialismo: economia política externa dos Estados Unidos.** São Paulo: Hucitec, 1978.

MAMPAEY, Luc & SERFATI, Claude. Os grupos armamentistas e os mercados financeiros: rumo a um compromisso “guerra sem limites”? In: CHESNAIS, François (Org.). **A finança mundializada: raízes sociais e políticas, configuração, consequências.** São Paulo: Boitempo, 2005.

MARINI, R. M. **Memória.** Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marini/ano/mes/memoria.htm>>. Acesso em: 4 dez. 2024.

MARINI, R. M. **Subdesenvolvimento e Revolução.** Florianópolis: Insular, 2009.

MARTINS, C. E. Ruy Mauro Marini e a Dialética do Capitalismo Contemporâneo. **Reoriente: dossiê 90 anos de Ruy Mauro Marini/50 anos de Dialéctica de la dependencia**, v. II, p. 38–73, 2023.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política.** São Paulo: Boitempo, 2013.

MONTORO, X. A. (2023a) **Capitalismo e economia mundial: bases teóricas e análise empírica para a compreensão dos problemas econômicos do século XXI.** São Paulo: Editora Hucitec.

OSÓRIO, L. F. **Imperialismo, Estado e Relações Internacionais.** São Paulo: Ideias & Letras, 2018.

PATNAIK, P. *Whatever has happened to imperialism? Social scientist*, v. 18, n. 6/7, p. 73, 1990.

- PATNAIK, U.; PATNAIK, P. Notas sobre o imperialismo contemporâneo. Em: FERNANDES, L. E. (Ed.). **Introdução ao imperialismo tardio**. Recife: Ruptura, 2022. p. 191–205.
- PRADO, F. C. História de um não-debate: a trajetória da teoria marxista da dependência no Brasil. **Comunicação & política**, v. 29, n. 2, p. 68–94, 2011.
- ROBINSON, W. I. **Into the Tempest: Essays on the New Global Capitalism**. Chicago: Haymarket, 2019.
- RODNEY, W. **Como a Europa Subdesenvolveu a África**. São Paulo: Boitempo, 2022.
- SHAIKH, A. **Centralização e Concentração de Capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- SMITH, J. Marx's Capital and the Global Crisis. Em: SEN, S.; MARCUZZO, M. C. (Eds.). **The Changing Face of Imperialism**. London: Routledge, 2018. p. 43–45.
- SMITH, J. Imperialismo no século XXI. Em: FERNANDES, L. E. (Ed.). **Introdução ao Imperialismo tardio**. Recife: Ruptura, 2022a. p. 47–64.
- SMITH, J. **Imperialismo no século XXI**. São Paulo: Expressão Popular, 2024.
- SUTCLIFFE, B. Conclusion. Em: OWEN, R.; SUTCLIFFE, B. (Eds.). **Studies in the theory of imperialism**. Londres: Longman, 1972.
- SUWANDI, I. Cadeias de mercadorias de varlos-trabalho. Em: FERNANDES, L. E. (Ed.). **Introdução ao Imperialismo tardio**. Recife: Ruptura, 2022. p. 67–99.
- SUWANDI, I.; JAMIL JONNA, R.; FOSTER, J. B. Global Commodity Chains and the New Imperialism. **Monthly Review**, v. 70, p. 1–24, 2019.
- SUWANDI, I. **Cadeias de valor: o novo imperialismo econômico**. São Paulo: Expressão Popular, 2024.
- TRAVERSO, E. **La Historia como Campo de Batalla**: Interpretar las violencias del siglo XX. Alvaro Obregon, Mexico: Fondo de Cultura Economica, S.A. de C.V, 2012.